



Edifício histórico renovado com perícia de ourives

Porto Acredita-se que prédio onde funciona a mais antiga ourivesaria da cidade remontará ao século XIV



FOTOS: ARÉNDIO MEIRELES/OLIVARIA/INFORMAÇÃO

— INÉS SCHRECK TEXTOS
— ines@jn.pt

É com minúcia de ourives que se trabalha naquele prédio, na esquina da Rua das Flores com a dos Caldeireiros, onde cabe parte da história do Porto. A obra já chegou ao rés-do-chão, à ourivesaria mais antiga do cidade, que é para renovar em tempo recorde.

O edifício remontará ao século XIV e conserva sinais dessa longa vida. É certo que foi sofrendo alterações, foi dividido por dentro, mas há pormenores que se mantêm e que ficarão para as gerações futuras porque o arquitecto que o está a reabilitar, Joaquim Massena, insistiu em “respeitar a memória”, interior e exterior, em vez de demolir o miolo e conservar apenas a fachada.

Acredita-se que o edifício – que deverá ficar totalmente renovado no final deste mês – integra o Hospital Rocamador, construído pela Misericórdia para tratar os enfermos entre os séculos XV e XVIII. Antes foi uma albergaria para os peregrinos que faziam o caminho de Santiago de Compostela. No interior ainda se vêem as arcadas, que fariam parte de um claustro.

Os pisos superiores do imóvel, destinados a habitação, começaram a ser recuperados em Setembro passado. A obra já chegou ao rés-do-chão, onde funciona a Ourivesaria Coutinho, a mais antiga da cidade.

António Cardoso, dono da loja fundada em 1859 e inquilino do prédio, está radiante com a empreitada, até porque só terá a porta fechada durante uma semana. “Fazia-me muita diferença se fechasse mais tempo”, diz o responsável. A sua família não foi a fundadora da ourivesaria, mas está ligada aos Coutinho há mais de 100 anos. O pai de António Cardoso começou a trabalhar na loja ainda novo e tornou-se sócio alguns anos mais tarde.

Rua tinha 30 ourivesarias

Aos 72 anos, o filho ainda recorda o movimento da rua quando por ali havia mais de 30 ourivesarias. Naquele tempo, insegurança era palavra pouco usada e no exterior das lojas colocavam-se nichos de vidro, apenas com um cadeado, para expor as peças em ouro e em prata. “Tínhamos cinco vitrinas lá fora, três com ouro”, conta António Cardoso. Os expositores ficavam no exterior até à meia-noite e um guarda-nocturno bastava para dar conta do recado.

Actualmente, rua abaixo, já só existem seis ourivesarias. “A maioria fechou, uma minoria muito pequena mudou de localização”, recorda António Cardo-

so. Na Coutinho, a herança tem mais de 160 anos e é para manter. As obras vão trazer mais conforto e segurança, mas no final o cliente pouca diferença notará. Os balcões de madeira serão conservados, os vidros ficarão mais espessos e seguros, o gradeamento menos agressivo ao olhar.

Todos os pormenores são olhados com atenção. O que está degradado substitui-se por novo, mas igual ao antigo. Foi a filosofia adoptada em todo o edifício porque, para Joaquim Massena, reabilitação não casa com demolição.

O arquitecto defende a recuperação dos processos construtivos tradicionais, o envolvimento da comunidade local e das micro-empresas neste processo e a necessidade de passar este conhecimento às escolas e universidades.

O imóvel de sete pisos estava inabitável, mas resistiu-se à tentação de aproveitar só a fachada

“A nossa passagem pelo edifício fica registada, mas é preciso que seja delicada”, refere o arquitecto. As janelas são novas, mas as caixilharias continuarão a ser em betume, a madeira voltou a ser trabalhada; a balaustrada das escadas continua a exibir as marcas do tempo; a clarabóia cimeira está idêntica ao que era.

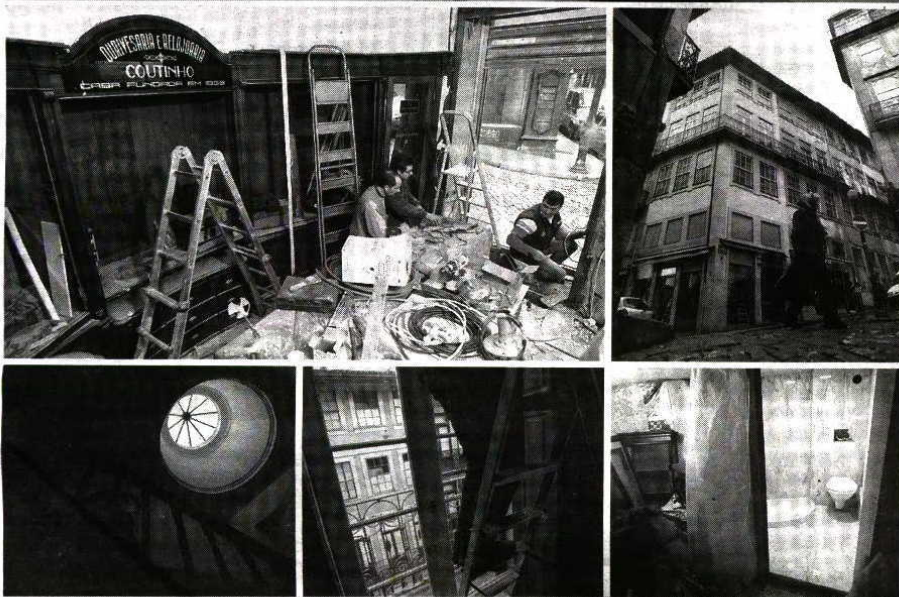
“A cidade tem de perceber que há modelos que ainda são exequíveis, não é preciso demolir”, conclui Joaquim Massena. ■

Rua com história

MANTÉM PERFIL ORIGINAL
A Rua das Flores é das poucas que ainda mantém o perfil original quase intacto. Ali encontram-se alguns dos melhores conjuntos de casas dos séculos XVII, XVIII e XIX.

EIXO DE LIGAÇÃO
Aberta em 1518, no tempo de D. Manuel I, foi então designada por Rua de Santa Catarina das Flores. Fazia a ligação directa entre o Largo de S. Domingos e a Porta de Carros (na muralha fernandina, perto da Igreja dos Congregados) e desempenhou desde sempre um papel primordial como eixo de ligação da Baixa Portuense com a parte alta.

VARANDAS TÍPICAS
Vários edifícios têm vindo a ser reabilitados, sendo uma das ruas mais apetecíveis da cidade, pela beleza das construções e as suas típicas varandas.



Pormenores da reabilitação do prédio, cujo rés-do-chão é ocupado desde 1859 pela Ourivesaria Coutinho



URBANISMO PÁG. 22
**Ourivesaria
mais antiga
do Porto está
a ser recuperada**

Prédio da Rua das Flores
remonta ao século XIV

